

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 20 (2025)



“Monangamba” e “Poema da alienação” na concretização do ideário da *Mensagem*

José Gueleka Kapetula

Práticas da História, n.º 20 (2025): 161-180

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 and LA/P/0132/2020.

José Gueleka Kapetula

“Monangamba” e “Poema da alienação” na concretização do ideário da *Mensagem*

Uma ideia comum em torno da revista *Mensagem* (Luanda, 1951-1952) consiste no facto de ser considerada conciliadora de um conjunto de vontades para a afirmação de uma nova cultura angolana. É neste contexto que se enquadram poemas como “Monangamba” e “Poema da alienação” de António Jacinto, porquanto, os mesmos, pela tentativa de representação da negritude, pela militância em relação à condição da classe trabalhadora angolana e consequente exposição do colonialismo expressam a angolanidade cultural e literária. O facto de “Monangamba” e “Poema da alienação” serem ainda hoje bastante lidos, em contexto educativo em Angola, faz-nos crer que por seu intermédio seja possível promover discussões sobre os valores da *Mensagem*.

Palavras-chave: “Monangamba”; “Poema da alienação”; *Mensagem*.

“Monangamba” and “Poema da Alienação” in the Realization of *Mensagem*’s Ideals

A common idea on the magazine *Mensagem* (Luanda, 1951-1952) is that it represented a convergence of desires to affirm a new Angolan culture. It is in this context that António Jacinto’s poems “Monangamba” and “Poema da Alienação” can be situated since they express Angolan cultural and literary identity through their attempt to represent Blackness, their militancy in defense of the Angolan working class and their denunciation of colonialism. The fact that ‘Monangamba’ and ‘Poema da alienação’ are still widely read in educational contexts in Angola leads us to believe that they can be used to promote discussions about the values of *Mensagem*.

Keywords: “Monangamba”; “Poem of Alienation”; *Mensagem*.

“Monangamba” e “Poema da alienação” na concretização do ideário da *Mensagem*

José Gueleka Kapetula*

1. Introdução

Neste artigo, referimo-nos à *Mensagem* de Luanda (1951-1952), cuja fundação resulta de um conjunto de iniciativas enquadradas num extenso movimento cultural, literário, social e político levadas a cabo pela Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA). A revista *Mensagem* é conhecida como o marco iniciador de uma nova cultura literária angolana e teve como principais animadores Viriato da Cruz, António Jacinto, Agostinho Neto e Mário de Andrade (estes dois colaboraram com a revista a partir do exterior, o primeiro a partir de Lisboa e o segundo a partir de Paris), Mário António e Alda Lara, entre outros¹.

Como é referido por Francisco Topa², *Mensagem* surge num contexto global em que as revistas literárias eram tidas como veículo de lançamento de novos escritores e de tendências literárias, algumas delas em rutura com os sistemas literários dominantes.

No caso da *Mensagem* de Luanda, esta rutura era em relação à literatura colonial, pois os seus animadores se propunham afirmar uma

José Gueleka Kapetula (jose.gueleka@iscad-huila.ed.ao).  <https://orcid.org/0000-0003-2626-5077>. Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla, Rua Sarmento Rodrigues, Lubango, Huíla, Angola. Artigo original: 4-08-2024; artigo revisto: 27-06-2024; aceite para publicação: 8-07-2025.

1 Russel G. Hamilton, *Literatura africana. Literatura necessária I – Angola* (Lisboa: Edições 70, 1975), 82.

2 Francisco Topa, “O projeto da *Mensagem* de Luanda e o seu número de estreia”, *Vértices* 24, n.º 1 (2022): 36. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v24n12022p34-43>.

literatura assente nos valores da angolanidade, entendida como expressão da identidade nacional angolana e que pudesse expor questões sociais inerentes a Angola, como refere Francisco Soares³. Não sendo propriamente um ponto zero, *Mensagem* representou uma perspetiva diferente, com uma literatura anticolonial, baseada no espírito da angolanidade, verificada nas formas, nas circunstâncias e contextos evocados na sua poesia e criação literária.

A pretendida rutura estética e temática com o sistema literário e cultural europeu foi tão significativa e de tal forma sistematizada que se viu replicada nas criações da maioria dos seus autores, verificando-se similaridades temáticas em diversos poemas de diferentes poetas, como são os casos de Viriato da Cruz em “Mamã negra (canto de esperança)”⁴ e Agostinho Neto “Voz de sangue”⁵, na tentativa de os dois poemas ligarem-se à condição universalista do negro, ainda nos casos de “Namoro” de Viriato da Cruz e “Carta dum contratado”⁶ de António Jacinto, ligação que pode ser verificada na estrutura dialógica de ambos, em pormenores considerados importantes no âmbito do conteúdo do poema: o uso de uma carta (nos dois poemas) como recurso para a expressão do amor dos sujeitos; a comparação da beleza das moças com elementos da natureza angolana⁷; a referência à questão das classes sociais (no caso de Viriato os dois intervenientes são de contextos sociais diferentes; e no caso de António Jacinto pertencem à classe desfavorecida, havendo uma crítica velada à privação de direitos a esse grupo social), o que é demonstrativo de uma atuação coordenada por parte dos seus propulsores.

3 Francisco Soares, “Para uma observação estética da poesia de António Jacinto”, em *António Jacinto e a sua época. A modernidade nas literaturas africanas em língua portuguesa*, org. Ana Paula Tavares, Fabio Mario da Silva e Luís da Cunha Pinheiro (Lisboa: CLEPUL, 2015), 46.

4 Viriato da Cruz, “Carta dum contratado”, em *Poemas* (Lisboa: UCCLA, 2014), 27-30.

5 Agostinho Neto, *A renúncia impossível* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda), 39.

6 Jacinto, *Poemas*, 18-20.

7 No caso de Viriato da Cruz, “Namoro”, em *Poemas*, 15-17: “Mandei-lhe uma carta em papel perfumando/ e com letra bonita eu disse ela tinha/ um sorrir luminoso tão quente e gaiato como o sol de Novembro brincando de artista [...] sua pele macia era sumaúma/ sua pele macia, da cor do jambo/ seus seios laranjas – laranjas do Loje, seus dentes... marfim [...]” No caso de “Carta dum contratado” (1961): “Eu queria escrever-te uma carta de lembranças de ti, de ti, dos teus lábios vermelhos como tacula/ dos teus cabelos negros como dilôa/ [...] dos teus seios duros como maboque/ do teu andar de onça...”.

É tendo isto em consideração que este estudo se propõe analisar, de forma comparativa, dois poemas de António Jacinto do Amaral Martins (1924-1991), “Monangamba”⁸ e “Poema da Alienação”⁹, nas possibilidades que podemos verificar nos mesmos, nas suas capacidades de prolongar os princípios evocados pela *Mensagem*.

Considerando esta perspetiva, na primeira parte deste estudo fazemos um enquadramento sobre a *Mensagem*, nos seus aspetos mais gerais, relacionados com a sua fundação e definição, assim como uma apresentação resumida do seu programa, como forma de assegurar uma compreensão fundamentada dos poemas escolhidos. Na segunda parte, fazemos uma abordagem sobre as influências da *Mensagem*, mais concretamente sobre a Negritude e sobre o neorrealismo, pois consideramos estarem estas referências mais destacadas nos poemas analisados. Procederemos, enfim, à análise dos poemas “Monangamba” e “Poema da alienação”, tendo em conta as ideias e perspetivas gerais da *Mensagem*.

2. Revista *Mensagem*: um enquadramento geral

A revista *Mensagem* é frequentemente definida como um marco iniciador de uma perspectiva nova sobre a literatura angolana, em rutura com padrões estéticos e ideológicos veiculados pela literatura colonial portuguesa.

Apesar de a abordagem sobre a *Mensagem* parecer uma circunstância recorrente, achamos que a mesma se afirma de grande pertinência na atualidade, pois continua a ter incidência em contextos de sala de aula em Angola, por tratar-se de um conteúdo obrigatório nas aulas de Literatura Angolana, nos cursos superiores de Formação de Professores de Língua Portuguesa e, também, a nível do ensino médio, nas aulas de disciplinas análogas, nos cursos de Ciências Humanas e de Formação de Professores. Estes acabam por ser alguns dos espaços dominantes em relação ao estudo da historiografia da literatura angolana. Por meio desse uso didático, novas gerações de alunos angolanos

8 Jacinto, *Poemas*, 21-23.

9 Jacinto, *Poemas*, 34-38.

têm tido oportunidade de ter contacto com uma parte importante da história cultural e literária de Angola, o que se afirma importante para a fundamentação da nossa proposta.

A nível dos estudos literários sobre Angola, refere-se que o aparecimento da revista *Mensagem* correspondeu à concretização das aspirações dos jovens angolanos de criar um clima propício à produção intelectual baseada no espírito da angolanidade¹⁰. Neste sentido, *Mensagem* surge como veículo para a divulgação da poesia nacional angolana em contraponto com a poesia portuguesa que vigorava na ex-colónia. Pretendia-se que a nova poesia se voltasse muito mais para a criação de uma literatura angolana baseada em questões de igualdade social e de toda a ideologia política socialista. De acordo com Francisco Topa¹¹, mais do que a afirmação de uma vanguarda estética, *Mensagem* era essencialmente um movimento de afirmação de um sistema literário africano.

A criação da revista *Mensagem* é frequentemente associada a um conjunto de iniciativas que estiveram na origem do surgimento do MNIA (Movimento dos Novos Intelectuais de Angola), na sua perspectiva de “descobrir Angola”, com primado assente numa ideia de refundação da angolanidade cultural e política. Deste modo, *Mensagem* pretendia afirmar-se como veículo de promoção de valores que se consideravam nativos, em reação ao apagamento cultural imposto pelo colonialismo, como refere António Jacinto em correspondência enviada a Mário Pinto de Andrade¹².

O programa da *Mensagem* alargava-se a outros planos, marcadamente sociais, com reflexos sobre a emancipação das populações de Angola por via da educação. Como é amplamente conhecido, este programa propunha entre os seus objetivos: i) a valorização e afirmação da cultura angolana, ii) a criação de uma cultura de Angola além-fronteiras;

10 Hamilton, *Literatura africana. Literatura necessária*, 82 e Manuel Ferreira, *No reino de Caliban II* (Lisboa: Plátano Editora, 1988), 14.

11 Topa, “O projeto da *Mensagem* de Luanda”, 36.

12 Michel Laban, *Mário Pinto de Andrade: uma entrevista* (Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1997), 193.

iii) a alfabetização massiva das populações indígenas; iv) a publicação periódica da *Mensagem*; v) a realização de palestras; vi) a realização de conferências, recitais e saraus literários; vii) a criação de cursos livres de divulgação artística; viii) a fundação de escolas primárias, médias e técnicas; ix) a criação de bibliotecas¹³.

Como se pode depreender pelo seu programa, *Mensagem* integra iniciativas e projetos que perspectivavam uma profunda descoberta de Angola, com grande preponderância para a valorização de aspetos culturais e sociais ligados à terra e de outros ligados à educação das populações. Esta será uma tendência compreensível, pois os seus promotores eram jovens intelectuais e entusiastas que acreditavam no poder transformador da educação das massas populares como fator preponderante para o alcance da prosperidade material da nação independente. Isto pode-se entrever no poema “Adeus à hora da largada”¹⁴ de Agostinho Neto (1922-1979), um dos poetas mais ativos da *Mensagem*:

Minha Mãe
 (todas as mães negras
 cujos filhos partiram)
 tu me ensinaste a esperar
 como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
 matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero
 sou aquele por quem se espera

13 *Mensagem: A Voz dos Naturais de Angola*, 1 (julho de 1951), 1-2.

14 Agostinho Neto, “Adeus à hora da largada”, em *Sagrada Esperança* (Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1987), 47.

Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida¹⁵.

Consciente do papel transformador do intelectual, o sujeito do poema assume sobre si a responsabilidade dos destinos imediatos da terra, colocando-se numa posição messiânica, como se pode verificar a partir dos versos que abaixo retomamos:

Eu já não espero
Sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida

Por este poema de Agostinho Neto nota-se uma atitude constante nos poetas dessa geração, de denúncia da falta de educação para a maioria da população, como comprovam as referências explícitas aos “garotos sem escola” e, sucessivamente, aos “homens negros ignorantes”:

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
[...]

15 Neto, “Adeus à hora da largada”, 47.

os homens negros ignorantes
 que devem respeitar o homem branco
 e temer o rico
 [...]

Ao mesmo tempo que denuncia a condição de ignorância, o estado de miséria dos bairros e a frustração profunda à qual os angolanos estão relegados, o sujeito do poema não perde de vista as responsabilidades a si acometidas sobre os destinos futuros da nação, um futuro de liberdade assente na educação:

Amanhã
 entoaremos hinos à liberdade
 quando comemorarmos
 a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
 os teus filhos Mãe
 (todas as mães negras
 cujos filhos partiram)
 vão em busca de vida¹⁶

De acordo com Pires Laranjeira¹⁷, nos seus dois cadernos publicados, *Mensagem* adquiriu um formato próprio, tornando-se, deste modo, a expressão cultural e literária da angolanidade.

Do nosso entendimento, a expressão cultural e literária a nível da poesia pode ser vista tanto em relação à forma, que maioritariamente apresentava uma estrutura dialógica, como a nível do seu conteúdo,

¹⁶ Neto, “Adeus à hora da largada”, 48.

¹⁷ Pires Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa* (Lisboa: Universidade Aberta, 1995), 71.

pelas escolhas linguísticas, pelos espaços e imaginário evocados, pelos anseios e utopias urdidas. A nível dos estudos literários angolanos, esta estratégia é vista como uma tentativa de aproximação dessa nova poesia à tradição narrativa oral africana.

Os tópicos mais explorados na poesia dessa época incidem sobre a opressão colonial, exploração laboral, pobreza, analfabetismo, memórias de tempos de infância (estratégia usada para o esbatimento de diferenças raciais)¹⁸, uma vez que havia diferenças a este nível entre os próprios poetas, e porque se perspectivava um país multirracial, diferente da realidade colonial, assente no domínio de uma raça sobre outra e num modelo de imposição cultural. Portanto, *Mensagem* enquadra-se num projeto de recuperação e de valorização da cultura angolana, mas uma cultura moderna, com capacidade para relançar a nova nação no contexto internacional e no nivelamento de questões sociais entre os diversos segmentos sociais pelo viés da literatura.

2.1 Influências da revista *Mensagem*

Das várias influências apontadas à *Mensagem*, destaca-se a Negritude. Esta chega à revista pela frequência de meios francófonos por Mário Pinto de Andrade, nessa sua conhecida colaboração na *Présence Africaine*¹⁹. Segundo Pires Laranjeira²⁰, essa influência concretiza-se, a nível da poesia, pelo desejo de reencontro do poeta com a terra-mãe (lugar de inspiração e força propulsora para o relance sobre o mundo), sobretudo para aqueles que se encontram nas diásporas africanas, o que ocorre através da constante afirmação do próprio poeta como uma entidade social e culturalmente africana.

18 Consideramos esta uma estratégia recorrida atualmente. Um caso que nos parece apontar para isto verifica-se no romance de Pepetela *O planalto e a estepe*, em que o personagem principal, Júlio Pereira (um menino branco, natural do Lubango), na descrição que faz sobre a sua infância, apresenta-nos um contexto multirracial a nível do seu círculo mais íntimo, que compreendia, para além de si e da sua irmã, os filhos de um serviçal muila (duas crianças negras), de quem Júlio era amigo e se referia aos mesmos como sendo iguais, o que não sucedia com a sua irmã, que manifestava reservas em relação à ligação de Júlio a essas crianças. Essa relação é importante para o personagem principal (Júlio), pois por meio dela pode observar e analisar as contradições desse seu mundo colonial, em que o racismo é uma constante e como essa relação de amizade entre um menino branco e crianças negras é desencorajada pelas pessoas que têm à volta.

19 Laban, *Mário Pinto de Andrade*, 110-116.

20 Laranjeira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, 72.

A nível linguístico, verifica-se o recurso ao kimbundu como artifício que propicia maior proximidade aos contextos tradicionais e que a nível estético imprime à poesia dessa época a matriz de angolanidade pretendida, no sentido da ligação com a cultura, história e circunstâncias vividas no país.

A opção pelo kimbundu será determinada pelo facto de a maioria dos poetas dessa geração porvirem de regiões angolanas em que para a maioria da população nativa o kimbundu era a língua dominante, como são os casos de Agostinho Neto (Bengo), António Jacinto e Mário Pinto de Andrade (Golungo Alto) ou Viriato da Cruz (Porto Amboim).

Os usos do kimbundu são manifestos por via do uso de expressões lexicais, vejam-se os casos de *Monangamba*²¹, *Beça-nganas*²², ainda de onomatopeias, corporizadas nos pregões dos sujeitos retratados, por exemplo em “Poema da alienação”: “ma limonje ma limonjééé”; “ji ferrera ji ferrerééé”²³; “tué tué tué trr arrimbuim puim puim”²⁴, ou mesmo do pregão “Kuakié!...

21 Título do poema em análise neste trabalho. Palavra de origem kimbundu que em português é equivalente a carregador ou moço de frete. *Infopédia. Dicionários Porto Editora*, em: www.infopedia.pt, acessado a 15.04.2025.

22 Expressão do kimbundu relativa às mulheres de Luanda que se vestem de forma tradicional. Para este trabalho, foi retomada do poema “Sô Santo” de Viriato da Cruz. Estes usos de palavras e expressões do kimbundu são elementos que visam conferir aos poemas a identidade nacional pretendida pelos poetas da *Mensagem*.

23 Grito de uma zungueira (vendedora informal que calcorreia as ruas e avenidas das cidades angolanas) anunciando a venda de limões: “ma limonje ma limonjééé”, enquanto “ji ferrera ji ferrerééé” será o anúncio de um certo tipo de peixe característico da região de Luanda. Temos essa intuição, tendo em conta que os outros nomes referidos na mesma estrofe são nomes de peixes; em se tratando de um pregão, será normal que na sequência o anúncio corresponda igualmente a um peixe. O que também se encontra no poema “Canção para Luanda” (1980) de Luandino Vieira. Se considerarmos que, no caso deste último poema, o grito também é proferido por um sujeito designado Mana Rosa Peixeira, fica evidente que se tratará de um tipo de peixe. Deixamos aqui as duas estrofes para efeitos de comparação:

O meu poema corre nas ruas
Com um quibalo podre à cabeça
Oferecendo-se
Oferecendo
“carapau sardinha matona
Ji ferrera ji ferrerééé”
In: “Poema da alienação”, António Jacinto

“Olá almoço, olá almocée
Matona calapau
Ji ferrera ji ferrerééé”
In: Luandino Vieira, “Canção para Luanda”

24 António Jacinto, “Poema da Alienação”, em *Poemas* (Lisboa: UCCLA, 2015), 37.

Makèzú, Makèzú”²⁵ da “velhinha quitandeira” do poema “Makèzú” de Viriato da Cruz, na mesma língua nacional angolana (kimbundu). Há ainda, em termos linguísticos, o reaproveitamento de formas do português na perspectiva de recriação de formas e conteúdo poético de matriz africana.

Outra influência importante é a do neorrealismo. Neste sentido, a poesia da *Mensagem* converte-se em artefacto político, uma arma com propriedades múltiplas, em termos do conteúdo que veicula, voltando-se para a representação de contextos de pobreza, dos excluídos, dos injustiçados. Revela, ainda, uma forte tendência para centralizar o foco poético e de criação literária sobre contextos rurais e periféricos (*musseques*), ignorando a tentação de um retrato sobre a vida do centro das cidades africanas, uma vez que este era dominado pelo colonizador.

Como já referímos, para o contexto angolano a *Mensagem*, como projeto multidisciplinar, representou um marco literário importante. Teve como finalidade enfatizar a ideia da angolanidade e dar voz ao africano negro, para que os angolanos se pudessem identificar com essa nova poesia produzida. É no sentido da convergência e da promoção das ideias da *Mensagem* que situamos a poesia de António Jacinto que, como referido acima, foi um dos poetas mais destacados desse período, tendo uma presença-chave como poeta e contista.

Há hoje em Angola uma clara dificuldade em encontrar a revista *Mensagem*, o que em nosso entender configura-se num obstáculo importante para a compreensão do seu objeto e promoção dos seus valores, nomeadamente a afirmação de uma forma literária alicerçada na cultura, na história e nos anseios dos angolanos, pormenor seguramente necessário para a compreensão da literatura mensageira, enquanto instrumento de afirmação de identidades de uma nação. Consideramos ser este um argumento interessante para a formulação do presente estudo, que se detém sobre a análise de dois poemas de António Jacinto: “Monangamba”

25 Expressão retirada do poema de Viriato da Cruz, “Makèzú”, em *Poemas*, 7. Segundo um informante (Manuel Mateus, falante nativo de kimbundu que é actualmente professor de Metodologia da Língua Portuguesa na Escola de Formação de Professores do Lubango), uma tradução possível para este pregão seria: “amanheceu, olha a cola”. Cola é o equivalente em português para makezú, que é um alimento, consumido ao amanhecer.

e “Poema da alienação”, para que por este meio se possa divisar o ideário da *Mensagem*, na sua qualidade de projeto fundador da angolanidade literária.

3. “Monangamba” e “Poema da alienação”: dois poemas de Jacinto em análise

3.1 Monangamba

O poema “Monangamba” é um dos poemas mais revisitados em contexto de sala de aula em Angola. É dos poemas de leitura obrigatória nos diversos programas da cadeira de Literatura Angolana, nos cursos de formação de professores, integrando de igual modo manuais escolares de Língua Portuguesa a nível do ensino médio e tem tido excelente recepção por parte de novas gerações de leitores/alunos, quer pela sua linguagem considerada acessível quer por remeter para situações históricas vividas em contexto colonial.

Este poema beneficia também do facto de ter sido musicado por Ruy Mingas²⁶ e de ter novos usos poéticos e sociais. A atenção que tem sido capaz de concentrar é um ponto importante para que, pela sua análise, se possam veicular as ideias e princípios fundadores da *Mensagem*.

Uma primeira instância evocada no poema “Monangamba” está relacionada com a exploração laboral a que estavam sujeitos os contratados, nesse estratagema encontrado pela administração colonial portuguesa para prolongar formas de exploração da força de trabalho angolana.

A violência dessa exploração laboral é expressa por via da denúncia que empreende o sujeito do poema, afirmando-se protagonista da prosperidade agrícola de uma fazenda colonial, verificada na exuberância dos seus produtos, que se constituem como prolongamentos do seu corpo, o que se deduz a partir da equiparação entre a cor do café (em fase de amadurecimento), com a cor do seu sangue e da sua pele, em fase mais avançada no seu processo de preparação:

26 Ruy Mingas, *Monangambé*, 1974.

Naquela roça grande não tem chuva
 é o suor do meu rosto que rega as plantações;
 Naquela roça grande tem café maduro
 e aquele vermelho-cereja
 são gotas do meu sangue feitas seiva.
 O café vai ser torrado,
 pisado, torturado,
 vai ficar negro,
 negro da cor do contratado²⁷

Também se pode depreender um sentimento de maior familiaridade do sujeito do poema (o contratado) com os elementos da natureza que evoca como seus próximos para consulta em caso de dúvidas sobre a condição de exploração em que se encontra submetido.

Perguntem às aves que cantam,
 aos regatos de alegre serpentear
 e ao vento forte do sertão²⁸

Vemos na evocação destes elementos da natureza uma retoma do tema do analfabetismo, trabalhado, entretanto, em “Carta dum contratado”, em que o sujeito do poema, mercê da privação de educação formal, tem nos elementos da natureza os seus interlocutores e confidentes, pois partilharão de uma linguagem equivalente à sua, caracterizada pela simplicidade das formas e de significados:

Eu queria escrever-te uma carta
 amor,
 uma carta que te levasse o vento que passa

27 Jacinto, “Monangamba”, em *Poemas*, 21.

28 Jacinto, “Monangamba”, 21.

uma carta que os cajús e cafeeiros
 que as hienas e palancas
 que os jacarés e bagres
 pudessem entender
 para que se o vento a perdesse no caminho
 os bichos e plantas
 compadecidos de nosso pungente sofrer
 de canto em canto
 de lamento em lamento
 de farfalhar em farfalhar
 te levassem puras e quentes
 as palavras ardentes
 as palavras magoadas da minha carta
 que eu queria escrever-te amor...²⁹

Esse destaque sobre os elementos da natureza pode ser entendido como referência ao estado de desespero e de sofrimento em que se encontra o sujeito do poema (o contratado), ao mesmo tempo que procura convergir com os princípios da *Mensagem*, na denúncia em relação à falta de educação da maioria da população, base para a prossecução da sua alfabetização massiva.

Há no poema, por via de perguntas retóricas muito bem aproveitadas pelo sujeito do poema, exposição da exploração laboral em que se encontrava o sujeito do poema/o contratado, que construía a base da prosperidade material do patrão colonial, o que se adequa a um quadro de denúncia sobre as desigualdades sociais existentes em Angola.

Quem se levanta cedo?
 Quem vai à tonga?
 Quem traz pela estrada longa

29 Jacinto, “Carta dum contratado”, 20.

a tipóia ou o cacho de dendém?
 Quem capina e em paga recebe desdém,
 fuba podre, peixe podre,
 panos ruins, cinqüenta angolares
 “porrada se refilares”?
 Quem?
 Quem faz o milho crescer
 e os laranjais florescer
 Quem?
 Quem dá dinheiro para o patrão comprar
 Máquinas, carros, senhoras
 E cabeças de pretos para os motores?

Quem faz o branco prosperar,
 Ter barriga grande – ter dinheiro?

E as aves que cantam,
 os regatos de alegre serpentear
 e o vento forte do sertão
 responderão:
 - “Monangambéé...”³⁰

A estas referências à natureza africana (café, milho, laranjais) juntam-se um conjunto de expressões de origem angolana (fuba, dendém, maruvo) que afirmam o poema na linha dos princípios fundadores da *Mensagem*, isto é, dão ao poema uma dimensão lírica inequivocamente angolana, ao mesmo tempo que o seu teor prosaico e a simplicidade de formas lexicais e retóricas o tornam acessível aos leitores angolanos da época, que o podem perceber por via da oralidade, fator pretendido pelos poetas mensageiros.

30 Jacinto, “Monangamba”, 22.

Da exposição que faz sobre o seu estado de sofrimento, o sujeito do poema finaliza a sua denúncia com uma atitude resignada, suspirando por um estado de alienação que o redimensionaria para um estágio de desconhecimento da realidade que tem à sua volta, marcada pela sua condição de indignidade, sem o usufruto ajustado do trabalho que empreende.

Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras
Deixem-me beber maruvo,
e esquecer diluído nas minhas bebedeiras³¹

3.2 “Poema da alienação”: retrato dos desvalidos da sociedade

De acordo com Laranjeira³², no “Poema da alienação” evidencia-se “o velho tema marxista da alienação dos trabalhadores”. Há no poema a apresentação de figuras sociais variadas, cada uma retratada no quadro da sua situação específica de exploração, numa estratégia de exposição da máquina colonial. Consideramo-lo, por isso, um poema de teor neorrealista, pois nele predominam causas sociais e simultaneamente políticas.

Os sujeitos retratados são os desvalidos da sociedade, “o meu poema anda por aí vadio/no mato ou na cidade”³³, é a quitandeira *vendendo-se*, num retrato com semelhanças ao que ocorre no poema de Agostinho Neto com o mesmo nome, “Quitandeira”, com a diferença de que no poema de Jacinto as referências à quitandeira³⁴ não são explícitas. Esta pode ser identificada a partir da vestimenta, “panos garridos”:

31 Jacinto, “Monangamba”, 23.

32 Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, 85.

33 Jacinto, “Poema da alienação”, 34.

34 Mulher que compra bens para revendê-los no mercado ou pelas ruas. Nesta última acepção (vender pelas ruas), é equivalente a zungueira. Adaptado do dicionário www.priberam.org, acessado a 26.06.2025.

O meu poema anda por aí fora
envolto em panos garridos
vendendo-se
vendendo³⁵

Há ainda referência ao ardina que vende jornais nas ruas, sem que esses jornais falem sobre os dramas da sua vida, entendendo-se como entidade coletiva, não se configurando como objeto de reportagem. O poema é ainda sobre a lavadeira que presta serviços em casas coloniais, suportando o facto de ter de se prostituir em face do seu estado de precariedade:

O meu poema vem do Musseque
ao sábado traz a roupa
à segunda leva a roupa
ao sábado entrega a roupa e entrega-se
à segunda entrega-se e leva a roupa³⁶

É ainda sobre o drama que vive a filha da lavadeira diante da iminência da violação por parte do patrão; sobre a prostituta, figura frequente na literatura mensageira; sobre o contratado, bastante representado na poesia de António Jacinto, na sua condição de trabalhador desterrado em contextos de exploração laboral, o que é outro tema recorrente na poesia mensageira:

O meu poema é contratado
anda nos cafezais a trabalhar
o contrato é um fardo
que custa a carregar
“monangambéé”³⁷

35 Jacinto, “Poema da alienação”, 35.

36 Jacinto, “Poema da alienação”, 35.

37 Jacinto, “Poema da alienação”, 36.

Em relação às práticas repressivas da máquina colonial, destaca-se a figura do cipaio³⁸, por se tratar de uma figura que tem as suas origens nos musseques e ser conhecida pelos excessos da sua ação sobre os seus conterrâneos. No mesmo poema, temos ainda outra vez, e de forma muito explícita, a questão do abuso da autoridade, a condição de pobreza e a situação de ignorância em que viam envoltos os colonizados. E, por fim, um aspecto de autorretrato do poeta, o que manifesta assimilação de construção de uma sociedade multirracial assente nos princípios de igualdade:

o meu poema sou eu-branco
montado em mim-preto
a cavalgar pela vida³⁹

Considerações finais

Mensagem representou um marco importante para a definição da angolanidade literária. Este conceito é entendido como sendo representado pela ocorrência na poesia de aspetos de forma (destacando-se o carácter prosaico dos poemas, o uso de expressões lexicais com origem nas línguas nacionais da Angola, com predominância do kimbundu, ou o aproveitamento de expressões populares nos poemas) e pela constância de aspetos de conteúdo com referências explícitas sobre a condição social dos nativos, com foco descritivo sobre contextos que evocam a vida nos musseques e nos campos, sem grandes referências à vida das cidades. Os poetas da geração mensageira procuraram fazer desses elementos características da sua poesia.

Tendo em conta a escassez de exemplares da *Mensagem* no espaço cultural e académico angolano, e considerando que é esta uma referência importante pela definição que promoveu ao sistema literário

38 Cipaio, o mesmo que Sipaio, nas antigas colónias ultramarinas portuguesas, polícia ou militar indígena recrutado para policiamento local ou rural, ver: dicionário.priberam.org., acessado a 26.06.2025.

39 Jacinto, “Poema da alienação”, 38.

angolano, achamos que o estudo dos poemas “Monangamba” e “Poema da alienação” de António Jacinto terá certamente a propriedade de restabelecer uma ligação às ideias difundidas nesse periódico, nomeadamente sobre a dignificação do povo, a valorização da cultura local, a recusa do colonialismo e da opressão social, cultural e racial, permitindo, deste modo, que as novas gerações se achem e aprofundem o conhecimento sobre os seus poetas e textos fundadores.

“Monangamba” e “Poema da alienação” têm a propriedade de, em muitos sentidos, quer a nível da forma como do conteúdo, estabelecerem relações intertextuais com os poemas da *Mensagem*, como procurámos demonstrar acima.

Nos dois poemas, quer a partir da sua estrutura que estabelece ligações com formas tradicionais da narração africana, quer a partir de marcas lexicais retomadas do kimbundu, ou ainda pelo tom de denúncia apresentados, António Jacinto procura alinhar-se aos princípios preconizados pela revista *Mensagem*, subentendidos na valorização e afirmação de uma cultura angolana forte, daí as referências à natureza e ao homem angolano na sua dimensão trabalhadora, apesar de esta estar em benefício do colonizador.

BIBLIOGRAFIA

Cruz, Viriato da. *Poemas*. 2ª Edição. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2014. https://www.uccla.pt/sites/default/files/poemas_viriato_da_cruz.pdf.

Ferreira, Manuel. *No reino de Caliban II*. 2ª edição. Lisboa: Plátano Editora, 1988.

Hamilton, G. Russel. *Literatura africana. Literatura necessária*. Lisboa: Edições 70, 1975.

Jacinto, António. *Poemas*. 2ª edição. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015.

https://www.uccla.pt/sites/default/files/colectanea_de_poemas_ant_jacinto.pdf.

Laban, Michel. *Mário Pinto de Andrade: uma entrevista*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1997.

Laranjeira, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

Mensagem: A Voz dos Naturais de Angola, 1 (julho de 1951).

Neto, Agostinho. *A renúncia impossível*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

Neto, Agostinho. *Sagrada esperança, renúncia impossível, amanhecer*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.

Soares, Francisco. “Para uma observação estética da poesia de António Jacinto”. Em *António Jacinto e a sua época. A modernidade nas literaturas africanas em língua portuguesa*, organizado por Ana Paula Tavares, Fabio Mario da Silva e Luís da Cunha Pinheiro, 43-55. Lisboa: CLEPUL, 2015.

Topa, Francisco. “O projeto da *Mensagem* de Luanda e o seu número de estreia”. *Vértices* 24, n.º 1 (janeiro-abril de 2022): 34-43. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v24n12022p34-43>.

Referência para citação:

Kapetula, José Gueleka. “‘Monangamba’ e ‘Poema da alienação’ na concretização do ideário da *Mensagem*”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 20 (2025): 161-180. <https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n20.38605>.